



A. Estado, Poderes e Sociedade

B. Estruturas Produtivas, Trabalho e Profissões

C. Educação e Desenvolvimento

D. Território, Ambiente e Dinâmicas Regionais e Locais

E. Cultura, Comunicação e Transformação dos Saberes

F. Família, Género e Afectos

G. Teorias, Modelos e Metodologias

Sessões Plenárias

Chefias jornalísticas e trajectórias profissionais: uma aproximação à elite dos jornalistas portugueses*

Maria Alcinda Neves Barata

O estudo de que esta comunicação dá conta, surgiu na sequência de anteriores pesquisas sobre a realidade do jornalismo português (Garcia e Castro 1993; Castro, 1994), os quais tiveram por base o I inquérito realizado aos jornalistas portugueses durante o ano de 1991.

Aqueles estudos identificaram a existência de 4 fracções entre os jornalistas (Vide gráfico 1), bem como a presença de linhas estruturantes do quotidiano destes profissionais:

- A oposição entre o comum jornalista e a sua chefias
- A oposição entre jornalistas consagrados ^[1] e credenciados ^[2]
- A feminização e juvenilização da profissão

FIGURA 1 ^[3]

Fracção que ingressou no jornalismo no PREC	Fracção já inserida mas em início de carreira
Quadrante 4	Quadrante 1
31 a 40 anos idade	Jornalistas do 1 ao 3 grupo
11 a 15 anos antiguidade	26 a 30 anos de idade
Semanários	3 a 5 anos de antiguidade
TV	Imprensa diária nacional
Rádios Nacionais	60 a 90 contos
120 a 200 contos	Ens. Superior Incompleto
Ens. Superior Completo	Sexo Feminino
Trab. Ocasional Fora	Não participam no capital da empresa
Fracção de Maior Antiguidade e c/ lugares de Direcção	Fracção dos iniciados no Jornalismo
Quadrante 3	Quadrante 2
Chefias, Directores e Editores	Estagiários
Mais de 40 anos de idade	Até 25 anos de idade
Mais de 15 anos de Antiguidade	2 anos de antiguidade
Mais de 200 contos	Até 60 contos
Ensino secundário Geral	Rádios Locais
Ensino Complementar	Imprensa Regional
Têm capital na empresa	Free Lancers
Têm regularm/ trabalho fora da empresa	Não pertencem ao quadro da empresa

Aqueles estudos designaram como *fracções de elite* os grupos caracterizados nos quadrantes 3 e 4. Desvendar as trajectórias profissionais e o prestígio associado ao desenvolvimento da carreira

destes profissionais foi a estratégia adoptada para a aproximação a um dos possíveis processos formadores de uma elite jornalística.

As conclusões apresentadas têm por base a análise temática dos *curricula vitae* de 259 jornalistas com funções de chefia, tendo-se recorrido ainda à técnica estatística da análise de

correspondências múltipla e entrevistas de aprofundamento. ^{[4] [5]}

Tendo por referência as várias teorias produzidas ao nível do estudo das elites e dos grupos de *status* foi utilizado um conjunto de elementos indicadores da constituição de homogeneidade ao nível das trajetórias profissionais dos jornalistas (quadro 1).

Quadro 1

Indicadores Utilizados:

–	Distribuição do poder
§	Primeiro nível de chefia (administradores e directores das empresas jornalísticas)
§	Segundo nível de chefia (chefes de redacção, editor-coordenador, coordenador-chefe,...)
§	Terceiro nível de chefia (adjuntos de chefe de redacção, subchefe de redacção)
–	capital escolar (como indicador de competência académica)
–	tempo de exercício da actividade jornalística
–	ocorrência de situações geradoras da aquisição/atribuição de prestígio social e profissional:
§	exercício de actividade literária
§	exercício de actividade docente
§	cargos políticos
§	prémios
§	activismo associativo nas organizações jornalísticas
§	exercício de cargos de chefia na trajetória profissional intermédia
§	formação académica e/ou profissionalização no estrangeiro

A realidade jornalística portuguesa tem tido evoluções específicas nestes últimos 20 anos, as quais não serão alheias às trajetórias profissionais deste grupo. Sucintamente temos que (quadro 2) de uma fase inicial de envolvimento directo dos jornalistas na “construção de uma nova sociedade” (o que levou à produção de um jornalismo marcadamente politizado e ideologizado) passou-se, gradualmente, a uma prática jornalística orientada pelas preocupações da produção de um jornalismo informativo de qualidade, aliado à investigação e suportado nas novas tecnologias de informação.

Quadro 2

Fases evolutivas da comunicação social portuguesa nos últimos 20 anos: ^[6]

–	Libertação — de 25 de Abril de 1974 à publicação da Lei de Imprensa (Decreto-Lei 85-D/75 de 26 de Fevereiro)
–	Estatização — afecta a rádio, jornais e televisão (1975)
–	Legislativa — publicação de leis básicas para o sector da comunicação social
–	(Constituição da República em 1976; Estatuto dos jornalistas (Lei 62/79 de 29/11/79), Lei da rádio (decreto-lei 248-I/79 de 10 de Agosto), Lei da Alta Autoridade para a Comunicação Social (Lei 15/90 de 30 de Junho)
–	Crise económico-financeira — expressa no fecho de muitos jornais
–	Rádios livres — processo iniciado em 1979 e com expressão plena em
–	1984-85
–	Desestatização-reprivatização dos <i>media</i> — reprivatização dos jornais e abertura da televisão à iniciativa privada.

Paralelamente, para além das diferenciações geradas pelas especificidades dos meios em que a prática profissional ocorre (a rádio, a televisão e a imprensa) assiste-se a um extremar das diferenças entre uma comunicação social, cuja actividade se encontra direccionada para o espaço nacional e uma outra de âmbito mais localizado (a comunicação de âmbito regional), situação que é reconhecida por alguns dos jornalistas entrevistados:

"Todos os jornalismo são diferentes, porque os meios técnicos também o são, embora a matriz esteja na palavra, na imagem comunicada".

"A redacção do comentário em televisão tem uma técnica diferente da escrita jornalística. Não pode funcionar com entrelinhas, com subtilidades de linguagem. É redigido com frases curtas, sincopadas, de apreensão rápida. Mas a técnica de televisão não se esgota na escrita. O jornalismo televisivo é a combinação de várias coisas e que não têm a ver, exclusivamente, com a técnica jornalística".

"Não há uma diferença muito marcante entre a rádio e a televisão. É evidente que a televisão tem outra linguagem, uma maior sofisticação e complexidade técnica. Mas, em termos conceptuais, a rádio não é um território muito distante da televisão. Há a preocupação de chegar ao público: a rádio através da palavra, a que a televisão acrescenta a imagem. É na rádio que se encontra a matriz da televisão. Nos seus primórdios, a televisão começou com profissionais da rádio e nunca deixou de o fazer. Há uma proximidade entre estes dois meios".

O exercício da profissão jornalística tem condicionantes específicas e concretizações diferenciadas conforme nos encontremos em Meios de Comunicação (MCS) de âmbito nacional ou regional. Assim, a apresentação dos dados far-se-á tendo por base esta realidade.

Tendo como referente a abordagem segundo MCS regionais e locais e numa apreciação das conclusões permitidas pelo trabalho empírico, é possível concluir, ao nível deste estudo, da existência de fracções de elite entre os jornalistas, as quais se afirmam independentemente do âmbito do MCS

em causa. [7]

As variáveis definidoras de um grupo de elite estão associadas maioritariamente à imprensa (no dizer dos nossos entrevistados «o meio nobre do jornalismo português») ou, em *situações específicas*, à televisão. A rádio só em situações particulares permite vislumbrar a presença de elementos distintivos e indiciadores de prestígio — especificamente nas rádios regionais, onde surgem jovens profissionais já com cargos de chefia e a que está associado um credencialismo académico.

A *elite de imprensa* caracteriza-se por um conjunto de vectores que a definem, claramente, como uma elite, mas que também a aproximam dos elementos definidores de um grupo de *status* profissional. Especificando: exercem funções de direcção ou estão no topo da sua carreira jornalística; possuem grau superior de ensino (ou frequência) nas áreas das ciências sociais e humanas, ciências médicas, ciências clássicas ou tecnologia. Para além de terem formação profissional específica na área do jornalismo — adquirida em Portugal ou no estrangeiro — estes jornalistas possuem, também, uma experiência profissional diversificada e multifacetada: dos MCS de âmbito nacional aos regionais, da TV à imprensa, ao seu "deambular" não escapou (principalmente nos MCS nacionais) o desempenho de funções de destaque na hierarquia da empresa jornalística — na direcção ou como chefe de redacção — para além de cargos de natureza política. Por fim, justificando a sua versatilidade, a actividade literária e a docência são domínios que lhes não são estranhos. Em suma, a elite de imprensa define-se pela presença de variáveis que remetem para uma *elite de influência* (segundo a tipologia de Guy Rocher).

O "espírito de grupo" e o reconhecimento da existência de uma determinada identidade possui outras "raízes". Com idades entre os 40 e 50 anos, eles chegaram ao jornalismo entre 1965 e 1970. Vivenciaram também acontecimentos marcantes da realidade portuguesa — os últimos anos do Salazarismo, a Primavera Marcelista, a Censura, o fervilhar informativo do pós-25 de Abril, ... "Marcados" pelo partilhar de experiências comuns, eles constituem uma geração de profissionais. São o topo da pirâmide de que são porta-vozes e que possuem o poder de determinar a prática jornalística

— pela posição que ocupam na hierarquia da empresa. [8] Enfim, é por eles que passa a definição/afirmação das actuais tendências do jornalismo português.

A esta elite opõe-se a "*elite de televisão*" com expressão, sobretudo, na RTP

(nacional) independentemente do cargo que ocupem na hierarquia da empresa. Menos prestigiada e menos jovem (a idade actual é superior a 50 anos), ela configura-se como um *grupo de status*.

Vejamos: Os primeiros passos no jornalismo ocorreram (1965-1970) em contextos sociais idênticos aos da elite de imprensa. "Saltitaram" de MCS em MCS e, desse modo, foram passando da imprensa à rádio e desta à televisão. De âmbito nacional, regional ou até mesmo no estrangeiro, o âmbito do MCS onde exerceram a sua actividade não foi um elemento central a essas trajectórias. A conjugação de situações de trabalho/estudo em MCS estrangeiros relembra, por outro lado, a emigração de alguns jornalistas durante o Estado Novo por razões de oposição ao regime. Diferentemente da elite de imprensa, todavia, estes jornalistas não se deixaram seduzir pela política ao ponto de desempenharem cargos políticos. Assim, dada a ausência de "qualidades raras" ou de prestígio associado à esfera política, esta elite de televisão aproxima-se, essencialmente, de um grupo de *status*. O reverso da medalha encontrámo-lo na *TV regional*. Mais jovens (30 a 40 anos) e menos prestigiados sob o ponto de vista profissional, esses jornalistas iniciaram a sua actividade no pós-25 de Abril.

Possuem, ainda, percursos profissionais mais previsíveis: salvo os que experienciaram o jornalismo de imprensa, a sua fidelidade à TV regional — onde se iniciaram — é um elemento marcante. No

entanto, e apesar de desempenharem funções de adjuntos de redacção, deixaram-se tentar pela política, pelo que a sua área de influência tem um alcance bem diverso da dos seus colegas da RTP-nacional.

Centrando-nos na *rádio*, as conclusões possíveis apontam no sentido da presença de pequenos *grupos de status circunscritos a realidades muito específicas*. Se na rádio local e regional podemos encontrar um grupo de jovens jornalistas (< 30 anos) cujo prestígio assenta numa escolaridade de nível superior e desempenho de funções de chefe de redacção, por contraponto, na rádio nacional será possível vislumbrar a presença de uma realidade diversa. Na verdade, aí podemos encontrar adjuntos de redacção bem mais idosos e cuja profissionalização assenta — exclusivamente — na tarimba e a quem (numa análise do prestígio associado à trajectória) não é possível imputar uma

trajectória profissional prestigiada.^[9] É a oposição entre os dois tipos diversos de profissionalização nas actuais linhas caracterizadoras do jornalismo português.

Em suma, se a partir do presente trabalho foi possível identificar fracções de elite entre os jornalistas, certamente — como diria Pareto — centramo-nos apenas ao nível do que aquele autor designa de *classe eleita do não governo*. Isto é, os jornalistas que têm uma relação mais próxima com o poder político — os deputados-colunistas ou jornalistas-deputados e que poderiam constituir a elite eleita do jornalismo — como foi explicitado na introdução, ficaram para além dos limites do presente estudo. Deste modo, ressalta-se, como nota final, que as conclusões apresentadas retratam apenas uma das possíveis vertentes da elite jornalística portuguesa.

Anexos

I MCS nacionais — Jornalistas segundo MCS onde trabalham, nível de chefia e trajectórias profissionais intermédias

Q II — Grupo de Status (TV)

MCS actual (tipo): TV
 Idade Actual: 60 anos; 50-60 anos
 Tempo Actividade Jornalismo: > 25 anos
 Ano de Inicio Actividade: 1965 - 1970
 Traj. Intermédia (âmbito MCS): regional/nacional/ regional - nacional / regional / nacional - estrang + nac ou regional
 Traj. Intermédia(tipo MCS): Imp esc/ falada
 Traj. Intermédia(exerc chefia): 3º nível decisão - 2 nível decisão
 Traj. Intermédia(formação estrang): só trabalhou - trabalhou e estudou
 Traj. Intermédia (prestígio): médio-baixo

Q III - Elite de Imprensa

Actual Nível de decisão: Topo carreira s/ chefia; 1 nível
 MCS actual (tipo): imprensa
 Idade actual: 40-50 anos
 Tempo Actividade Jornalismo: 15 a 20 anos; 20-25 anos
 Idade Começou a Trabalhar jornalismo: 20- 25 anos
 Ano de Inicio Actividade: 1970-1974
 Qualificação académica: frequentou e. superior; p. grau sup.
 Área de Formação acad.: C. Sociais e Humanas/C. Médicas - tecnologia; C. Clássicas
 Traj. Intermédia (âmbito MCS): nacional ou regional +política
 Traj. Intermédia (formação estrang): só estudou
 Traj. Intermédia (tipo MCS): TV / Imprensa / política - Imprensa

Q I - Grupo de Status (rádio) - Tarimba

Actual Nível de decisão: 3º nível
 MCS actual (tipo): rádio
 Idade Começou a Trabalhar jornalismo: >= 30 anos
 Qualificação académica: N/ frequentou e. superior
 Traj. Intermédia (âmbito MCS): MCS regional sp
 Traj. Intermédia (tipo MCS): rádio

Q IV -

Idade Actual: < 30 anos - 30 - 40 anos
 Tempo Actividade Jornalismo: < 15 anos
 Ano de Inicio Actividade: 1974-1980; >1980
 Área de Formação acad.: desporto
 Traj. Intermédia (tipo MCS): TV
 Traj. Intermédia (formação estrang): n/ trabalhou nem estudou

Traj. Intermédia (exerc chefia): 1º;2 ni dec + política

Traj. Intermédia (prestígio): médio-alto; baixo

-

II MCS regionais: Jornalistas segundo MCS onde trabalham, nível de chefia e trajectórias profissionais intermédias

Q II - Elite de Imprensa

Actual Nível de decisão: Topo de carreira s/ chefia
 MCS actual (tipo): Imprensa
 Idade Começou a Trabalhar jornalismo: 25 a 30 anos;
 > 30 anos
 Ano de Inicio Actividade: 1965-1970
 Tempo Actividade Jornalismo: 20-25
 Qualificação académica: n/ freq. ensino superior
 Área de Formação acad.: Tecnologia
 Traj. Intermédia (âmbito MCS): nacional / regional / nacional
 Traj. Intermédia (exerc chefia): 2. nível -1;2 niv + política
 Traj. Intermédia (tipo MCS): Imp. escrita; MCS falados
 Traj. Intermédia(prestígio): médio-baixo

Q I - Elite (TV)

Actual Nível de decisão: 3º nível
 MCS actual (tipo): TV
 Ano de Inicio Actividade: 1974-1980
 Tempo Actividade Jornalismo: 15 a 20 anos
 Qualificação académica: frequência ensino superior
 Área de Formação acad.: C. Sociais/humanas - C. Médicas
 Idade Actual: 30 a 40 anos
 Traj. Intermédia (âmbito MCS): nac ou reg + política - regional sp
 Traj. Intermédia(tipo MCS): TV-TV / Imprensa / política

Q III -

Idade Actual: > 60 anos
 Ano de Inicio Actividade:1955-1965
 Idade Começou a Trabalhar jornalismo: < 20 anos
 Tempo Actividade Jornalismo: 15 a 20 anos -> 25 anos
 Traj. Intermédia (âmbito MCS): regional / nacional / regional - MCS nacional sp
 Traj. Intermédia (tipo MCS): rádio
 Traj. Intermédia (formação estrang): Trabalhou - só estudou

Q IV - Grupo de Status (rádio)

Actual Nível de decisão: 2º nível
 MCS actual (tipo): rádio
 Idade Actual: < 30 anos
 Ano de Inicio Actividade:>1980
 Idade Começou a Trabalhar jornalismo: 20-25 anos
 Tempo Actividade Jornalismo: < 15 anos
 Qualificação académica: possui grau superior
 Área de Formação acad.: C. Clássicas|
 Traj. Intermédia (tipo MCS): imp escrita/falada
 Traj. Intermédia (exerc chefia): s/ chefia
 Traj. Intermédia (prestígio): baixo

*

A presente comunicação dá conta, de forma resumida, de alguns dos aspectos da pesquisa desenvolvida no âmbito da dissertação final de curso defendida no ano de 1994 e sob a orientação do Professor José Luís Garcia.

[1] Jornalistas cuja carreira profissional foi construída através da aprendizagem quotidiana da profissão, da transmissão de conhecimentos de mestres para aprendizes.

[2] Jornalistas com formação académica adquirida em meio universitário ou nos cursos promovidos por instituições ligadas ao jornalismo.

[3] Garcia, 1991, p. 78 e Garcia, 1994.

[4] Os quais estavam disponíveis e sistematizados na publicação *Quem é quem no Jornalismo Português* (Clube de jornalistas, 1992). Tendo por base a informação desta monografia foram seleccionados apenas os *curriculum vitae* de jornalistas que à data de recolha e sistematização dos elementos (1991), exerciam funções de chefia.

Ultrapassando a definição estrita de Wright Mills (Elite do Poder, 1956) o indicador de *exercício de funções de chefia ao nível das grandes empresas* “estendeu-se”, no nosso caso, até ao nível das 2ª e 3ª chefias. Foi assim possível identificar, comparar e diferenciar grupos através do recurso a outras variáveis que poderão indiciar a presença de *status* (tais como actividade intelectual e/ou docente, exercício de actividade associativa ou participação na política, formação profissional e académica,...).

Entendeu-se como cargo de chefia de *primeiro nível* aquele sobre o qual “repousa” o poder de decisão (Administradores, Directores) ou que embora não detenham em absoluto esse poder têm acesso directo a quem o detém (Chefe de Departamento, Director de informação, Chefe de Serviços, Director adjunto) ou têm a capacidade de influenciar directamente a tomada de decisões (assessor). Tem a capacidade de traçar estratégias e linhas de actuação organizacional. As suas decisões podem influenciar o meio de comunicação no seu conjunto e os primeiros níveis da sua estrutura organizativa.

Considerou-se como *segundo nível de decisão* aquele que embora possua alguma capacidade de decisão (a relativa à gestão diária dos problemas que se colocam ao nível das várias secções) depende dos primeiros níveis de decisão. Podem apresentar propostas de intervenção, colaborar na sua discussão, embora não lhes caiba decidir sobre a sua aplicabilidade. Foram incluídas categorias profissionais como chefe de redacção, coordenador, editor-coordenador, responsável informativo, chefe de secção, editor-chefe, chefe de delegação. A actividade do *terceiro nível de decisão* situa-se ao nível da colaboração na gestão diária das secções. São os colaboradores directos do segundo nível de decisão. Foram incluídos nesta categoria chefe de redacção adjunto, subchefe de redacção e redactor principal.

[5] Foram realizadas entrevistas aos seguintes jornalistas: Adelino Gomes, na altura redactor-principal do jornal *O Público* (entrevista de 1994-11-3); Emídio Rangel, director da *SIC* (entrevista de 1994-11-24); Fernando Dacosta, redactor-principal do jornal *O Público* (entrevista de 1994-10-28); Bettencourt Resendes, director do jornal *Diário de Notícias* (entrevista de 1994-11-4); Sena Santos, na altura chefe de redacção da *TSF-Rádio Jornal* (entrevista de 1994-10-24); Diana Andringa, editora da *RTP* (entrevista de 1994-10-11).

[6] Em Paquete de Oliveira “A Integração europeia e os meios de comunicação social” in: *Análise Social*, 1992, pp. 1000-1001)

[7] Utilizou-se a técnica da análise de correspondências múltipla, reproduzidas para consulta em anexo.

[8] Em anteriores estudos, como foi explicitado na introdução, uma das linhas estruturadoras do jornalismo português é o designado efeito de geração, sendo este referenciado aos jornalistas que protagonizaram o “fazer” do jornalismo no pós-25 de Abril.

[9] Isto é, nos termos em que foi operacionalizado no presente estudo. Tal como foi expresso em algumas entrevistas, esta forma de profissionalização possui um outro tipo de valoração no interior da profissão.